



ATAQUES A CAVALO

Traduzido pelo Gen. **KLINGER** da revista ilustrada alemã "DIE WEHRMACHT" (A Fôrça Armada), editada pelo Supremo Comando Militar Alemão, ano IV, n. 6, BERLIM 13.III.1940.

Tradução oferecida ao ardoroso cavalariano de todo terreno, Cap. **JOÃO DE DEUS MENNA BARRETO**, autor de magistral compêndio sôbre a instrução na cavalaria.

Os mais modernos dentre os modernos já durante a grande guerra cochichavam e resmungavam que estariam definitivamente acabados os tempos em que os ataques a cavalo no centro de gravidade dos combates selavam a sua decisão. E nós, paladinos do cavalo, o tradicional camarada de armas do cavalariano, não podíamos de todo negar-lhes razão. Demasiado eloquente era a linguagem das lições de **LAGARDE**, **HAELÉN** e **BROSYNIE**, arenas em que no comêço da grande guerra os ataques a cavalo, em massa, dos alemães sucumbiram sangrentamente sob o fogo de modernas metralhadoras.

Entretanto, o estudo metuculoso do histórico dos regimentos da cavalaria alemã ensina que não foram raros os ataques a cavalo vitoriosos, por pequenas unidades, contra inimigo ainda não pronto para o combate ou já abalado, principalmente quando tais ataques se fizeram em conjugação com emprêgo eficaz do fogo.

Ilustremos isso com dois exemplos do histórico dum esquadrão, o II/11º R. C., Regimento de Dragões von WEDE pomerano.

Nos combates de fronteira em LYCK o esquadrão se preende em repouso na floresta de MILEWO a um esquadrão russo de tordilhos, de tal modo que só uma parte dos homens consegue ainda montar. O cmt. do esq. v. VOIGT, dá o sinal para o ataque e rompe à frente de seus homens, de chicote erguido; abate á pistola o capitão inimigo, após uma mesura, que ficou popular em tôda a PRUSSIA Oriental: "Um momento, faz favor, desculpe!" O vice-sargento-chefe, LEWANOWSKI, dum só golpe d'espada de ruba cerce a cabeça dum cossaco. No campo de ação jazem cinquenta cossacos mortos ou feridos, os restantes se dispõem aos quatro ventos.

Três semanas depois, na perseguição após a batalha de Lagos Masurianos, o cap. VOIGT recebe de um de seus subordinados conhecimentos a participação de que uma bateria russa, sem proteção, vai em marcha pela estrada para BKYLIEN. À esquerda da estrada há uma crista, à direita uma várzea pantanosa. O cap. desenvolve um pelotão em atiradores atrás da crista e dispõe os restantes, também cobertos pela crista, escalonados para a esquerda, prontos para o ataque a cavalo. Com tôda a calma indica a seus comandantes de pelotões os objetivos, para os mosquetões e para as lanças. A um seu sinal, ao mesmo tempo que crepitam os mosquetões do pelotão de atiradores, os pelotões montados partem a galope. Só uma das peças russas chega a tirar o armão e a dar um único disparo, o qual passa alto acima das bandeirolas tríplicas e das lanças dos dragões. As outras peças e viaturas de munição buscam escapar pela várzea à direita da estrada, mas ficam atoladas no pântano ou imobilizadas pelas baixas nas parelhas, e os 86 homens da bateria cáem prisioneiros do esquadrão.

Em 1939, na POLÔNIA, as coisas não fôram diferentes. O cap. HASSE, muito conhecido no mundo hipófilo como corredor, está com o seu esquadrão incluído no escalão de

reconhecimento duma DL., que avança da ALTA SILÉSIA rumo a CRACÓVIA. A 4 de setembro o dito escalão, na vanguarda da DL., aproxima-se da cidadezinha de CHRZANOW, ainda fortemente ocupada pela retaguarda inimiga. Ao passo que os ciclistas do escalão são lançados ao ataque contra a orla leste da localidade, o cap. HASSE recebe a missão de contorná-la pelo norte e cortar o caminho à saída oeste aos polonêses ainda empenhados na resistência. Ao primeiro golpe de vista verifica-se que o terreno é absolutamente desfavorável. Envolvem a cidade elevações abruptas, com a encosta em degraus, entrecortada de muros de pedra em arrimo às rampas, revestidas de lavouras e pomares, quais vinhedos. Não se pode pensar em levar as viaturas do TC. O capitão desenvolve seu esquadrão amplamente em largura e faz galgar a encosta a galope. Como gatos, os cavalos saltam os muros e galgam as rampas; só alguns, de trás, envoltos pela poeira que levantam os da frente, não acertam de formar o salto oportunamente, mas nenhum sofre coisa séria. Assim, de coberta em coberta, o esquadrão se abeira das elevações da orla leste de CHRZANOW. O capitão observa. Eis que a poucas centenas de metros à sua frente descobre junto à estrada que segue rumo norte uma bateria em vias de meter armões, para mudar de posição. Comando a gestos: o esquadrão forma em linha, desembainha espadas. Novo gesto e o esquadrão se despenha em carga, aos brados de hurra, sobre a bateria. Os polonêses ficam tão atônitos que mal meia dúzia de serventes chega a saltar dos armões e a disparar a esmo 2 ou 3 tiros de seus mosquetões; e logo todos, serventes e condutores, erguem os braços. Além dos homens aprisionados, o esquadrão toma duas peças e várias viaturas de munição; as restantes, ao que parece já estavam em marcha antes de ser desencadeado o ataque a cavalo, e vão cair sob o fogo dos ciclistas, que entrementes haviam atravessado a localidade. Tudo é fuzilado. O esquadrão teve apenas dois sargentos feridos levemente.

Sorte maior ainda teve o tenente NEUMANN, dum esca-

lão de reconhecimento do Grupo de Exércitos do Sul, na ofensiva sôbre LEMBERG. Na tarde de 16 de setembro atinge com o seu pelotão como ponta do escalão a aldeia de DMY-TROWICE. Detem a massa de seus homens atrás da cobertura e pessoalmente, seguido pelo seu estafeta, galopa em direção às alturas situadas do outro lado da aldeia. Pára, logo que tem vistas por cima da crista e verifica que a 200 passos, apenas, á sua frente, na contra encosta, uma bateria polonesa está em flagrante de meter armões. Não vacila um segundo, dispara a tôda com seu estafeta sôbre a bateria, e despeja sua pistola contra um grupo de oficiais reunidos no meio da mesma. Surpreendidos, os oficiais, sem resistência, levantam os braços; e tôda a guarnição segue o exemplo quando por meio de gestos o tenente lhe faz compreender que a crista está erichada de metralhadoras. Entrementes, alarmado pelos disparos de pistola, chega o resto do pelotão e toma conta dos prisioneiros.

Quem poderá levar-nos a mal se nós, velhos cavaleiranos, sentimos o coração bater mais forte ao sabermos de tais façanhas cavalarianas ?

Constituem para nós a prova de que a nossa velha arma não se acabou e que a senha no exército da GRANDE ALEMANHA deve continuar a ser: "Não cavalo ou motor, sim **cavalo e motor !**"